

16 OUT 1986

JORNAL DE BRASÍLIA

11 de outubro de 1778. O Sr. D. Luis da Cunha Menezes, quinto capitão-general governador da Capitania de Goiás, de que vinha tomar posse após extensíssima e cansativa viagem através do interior da Bahia, chega à região do atual Distrito Federal. Havia pousado no sítio da Bandeirinha, riacho pouco acima da cidade de Formosa. E deixando o arraial de Couros à esquerda, rumou direto para o Quadrilátero Cruls.

A duas léguas (vale dizer, 12 quilômetros) de Bandeirinha, já dentro do DF a comitiva passa por Sítio Novo, no extremo-nordeste do quadrilátero, onde ainda existe um córrego com esse nome. Nove quilômetros adiante cruza o ribeirão Pipiripau, já com a mesma denominação que tem hoje.

Uma dificuldade para compreender o roteiro de Luis da Cunha é saber quando se refere a um lugar específico, como parece ser o caso de Sítio Novo, ou a um acidente geográfico, como no caso do ribeirão Pipiripau, onde não sabemos se se refere ao curso d'água ou a alguma fazenda que também levasse esse nome.

É a dúvida que nos assalta 12 quilômetros adiante, quando registra um lacônico «Mestre D'Armas — 2 Lagoas», indubitavelmente nas cercanias de Planaltina, sem que se possa precisar se referente a uma fazenda ou à Lagoa Mestre D'Armas. Fora de dúvida, porém, é que, com essa indicação, pode-se recuar o nome antigo de Planaltina para mais de duzentos anos atrás.

De Mestre D'Armas no rumo oeste, D. Luis registra, dali a uma légua (6 km), um «Próximo Corço», talvez o atual «Corguinho». Desse ponto «ao Sobradinho, 2 léguas» e eis-nos no atual sítio da cidade-satélite de Sobradinho, já com esse nome pelo menos desde 1778.

Além de Sobradinho, 15 quilômetros depois a comitiva de Cunha Menezes estacionava na Contagem (posto fiscal interno) de São João das Três Barras, cuja localização exata é um dos mistérios históricos do DF, pois a memória conservou apenas o nome de Chapada da Contagem, lindíssima paisagem, uma das mais altas do Quadrilátero, entre Sobradinho e Brazlândia.

Sobre São João das Três Barras, comenta Luis da Cunha na sua «jornada»: «Citio (sic) tão frio q̄ no mez de junho q̄ hé a maior forma do inverno chega a cair neve. Tem muy boas frutas, principalmente de espinho (abacaxi?), um nascimento de agoa excelente, as fazendas a maior parte delas São Rossas (sic) e Engenhos de Certão (sic)».

Estava exagerando um pouco o novel governador de Goiás com essa neve caindo na Chapada da Contagem, mais provavelmente uma geada forte. Mas valem as referências às «boas frutas» de altitude, cuja menção há duzentos anos atrás, quem sabe, talvez anime o governo do Distrito Federal a instalar ali um núcleo de frutícolas de clima frio. Outra indicação importante é a validade da região para o cultivo de roças e para engenhos de cana e de farinha.

D. Luis da Cunha Menezes e sua comitiva dormiram em São João das Três Barras, depois dessa viagem de 11 léguas (66 km) atravessando toda a porção norte do DF.

No dia seguinte, recomeçaram a viagem, cujo destino, nove léguas depois de São João, era uma certa localidade chamada Vendinha, talvez situada nos confins de Brazlândia com o atual município goiano de Santo Antônio do Descoberto.

Antes dali passaram rumo oeste, 12 km além de São João, por um lugar chamado Couro, talvez hoje sob as águas da barragem de Santa Maria, e 24 km depois (quatro léguas) chegavam ao Rodeador, ou bem córrego ou bem fazenda, situado no atual córrego Rodeador entre Brazlândia e Taguatinga.

Aqui nos deixa D. Luis da Cunha Menezes, para seguir rumo a Meia Ponte (Pirenópolis) e Vila Boa (Goiás Velho), «onde chegou pela 1 hora da madrugada, contando desde a Bahia 44 dias de viagem, totalizando 345 léguas» — a bagatela de 2.070 km em lombo de burro, século XVIII adentro.